

Pronúncia do estado natal influencia

As escolhas do linguajar dos jovens, lembra Ana Maria Vellasco, estão direcionadas, por um lado, à criação e à inovação; e, por outro, à tradição e também ao uso de expressões cristalizadas na língua — usos linguísticos determinados pelos fatores constitutivos de situações comunicativas da cultura juvenil.

Outro detalhe são os termos invariáveis usados pelos jovens. "A expressão *cara* é usada para designar tanto o sexo masculino quanto o feminino, assim como em Portugal usam a expressão *pá* para ambos os sexos", ilustra.

Na pesquisa *O Falar Candango*, uma diferença detectada foi o modo como jovens de Brasília e de cidades da periferia do DF falam. "Em Taguatinga, Ceilândia, Gama e outras cidades, o tom é bastante parecido com o das re-

giões Norte e Nordeste", acentua Ana Maria. "Ocorre o que chamamos de pretônica aberta (que vem antes da sílaba tônica), que transformam Recife em *Récife*, por exemplo". Já os moradores de Brasília, conclui a pesquisadora, se assemelham no linguajar aos da região Sudeste (Rio de Janeiro e Minas Gerais, principalmente), além de Goiás.

ORIGENS — De acordo com Stella Maris, isso significa a resistência de traços culturais de certos grupos regionais em localidades específicas, como é o caso de Ceilândia, onde há uma concentração maior de nordestinos, contrapondo a tendência da busca por um estilo próprio.

Já os jovens brasilienses dividem opiniões em relação à homogeneidade da língua falada no DF. "Em Brasília mis-

turamos muitos sotaques e existe diferença entre a linguagem de Brasília e das cidades do Entorno", afirma Juliano Menezes, 19, morador de Santa Maria. "Lá escuto muito expressões como *vêi* e *da hora*".

Cláudia Lima, 19 anos, moradora de Ceilândia, não vê diferença entre os sotaques. O que acaba existindo, segundo sua observação, são expressões diferentes. "Na minha cidade escuto muito, por exemplo, a expressão *fala sério*", diz a garota.

Mas muitos que adotam Brasília como cidade natal distinguem com facilidade a mistura na fala dos candangos. A advogada paraibana Danielle Ismael, 27, mora na capital há um ano e acha nítido o sotaque local — mas considera que a pronúncia é parecida com a do carioca.

"A diferença que vejo é que aqui as pessoas não falam chiando", frisa, situando o que acha ser a diferença. "Já eu, quando chego em qualquer lugar, sabem que não sou daqui. Para eles, fico entre o meu estado e a Bahia".

O baiano Edinei da Cruz, 30, é mais um que não consegue saber que língua falam em Brasília. "Outro dia custei para saber o que queriam dizer com *dar um rolê de camelo*", lembra. A expressão, para quem não sabe, significa "passear de bicicleta".

Jocilene Conceição Araújo, maranhense e em Brasília há 22 anos, orgulha-se de ter mantido a pronúncia. Mas conta que suas duas filhas, Camila, 22, e Carla, 10, costumam criticá-la: "Ficam rindo quando falo *mulé*, *moço*, mas sem ver, acabam repetindo algumas coisas que digo".